



## O AMBIENTE ESCOLAR E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

### THE SCHOOL ENVIRONMENT AND THE CONSTRUCTION OF BLACK IDENTITY

### EL AMBIENTE ESCOLAR Y LA CONSTRUCCIÓN DE LA IDENTIDAD NEGRA

**André José do Nascimento**

Mestrando em História pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

Especialização em História Contemporânea do Brasil (FUNESO)

Professor de História da Rede Estadual de Pernambuco

Endereço: Escola Caio Pereira - Rua Alto José Bonifácio, s/n – Casa Amara

52.080 – 010 – Recife/PE, Brasil

Email: andrejn25@gmail.com

#### Resumo

O artigo reflete sobre a vivência do negro no ambiente escolar, que, em muitas situações, se encontrava com uma estima desconstruída por não se sentir representado de forma positiva. A escola deve ser um lugar onde o educando possa se sentir acolhido e valorizado como cidadão, mas muitas vezes ela torna-se, isso sim, um espaço racista e preconceituoso. Percebemos que muitas vezes a forma de como a população negra, sua história e cultura é tratada essa situação se refletia na vivência dos educandos, principalmente. A partir da escola, aqui trabalhadas: a escola Caio Pereira foi desenvolvida atividades que buscavam a valorização da pessoa negra. Esse artigo trata das experiências de ações afirmativas vivenciadas em ambiente escola. com o objetivo de reconstruir a autoestima dos negros e negras que estudavam e que estudam nessa escola. Assim, faz-se um estudo sobre a identidade negra no ambiente escolar com a perspectiva de que os educandos (as) negro (as), ao participarem de atividades que os valorizam, construíssem ou reconstruíssem a sua identidade a partir das diferenças étnico racial, cultural e social. Dessa forma, os próprios educandos buscaram redefinir as suas próprias identidades, o que, de forma direta, vem construindo uma nova realidade vivenciada pela população negra da comunidade escolar.

Palavras-Chave: ensino, ambiente escolar, racismo.

Recebido em 16.03.2019. Publicado em 21.05.2019



Licensed under a Creative Commons Attribution 3.0 United States License

**Abstract**

The article reflects on the experience of the black in the school environment, which, in many situations, found a deconstructed esteem for not feeling positively represented. The school should be a place where the learner can feel welcomed and valued as a citizen, but often it becomes a racist and prejudiced space. We realized that the way in which the black population, its history and culture is treated, was reflected in the students' lives, especially. From the school, here worked: the school Caio Pereira was developed activities that sought the appreciation of the black person. This article deals with the experiences of affirmative actions lived in a school environment. with the aim of rebuilding the self-esteem of blacks and blacks who studied and studied at this school. Thus, a study is made of black identity in the school environment with the perspective that black students, when participating in activities that value them, construct or reconstruct their identity based on racial, cultural and social. In this way, the students themselves have sought to redefine their own identities, which, in a direct way, has been building a new reality experienced by the black population of the school community.

Key words: teaching, school environment, racism.

**Resumen**

El artículo refleja sobre la vivencia del negro en el ambiente escolar, que, en muchas situaciones, se encontraba con una estima desconstruida por no sentirse representado de forma positiva. La escuela debe ser un lugar donde el educando pueda sentirse acogido y valorado como ciudadano, pero muchas veces se vuelve, eso sí, un espacio racista y prejuicioso. Percibimos que muchas veces la forma de cómo la población negra, su historia y cultura es tratada esa situación se reflejaba en la vivencia de los educandos, principalmente. A partir de la escuela, aquí trabajadas: la escuela Caio Pereira fue desarrollada actividades que buscaban la valorización de la persona negra. Este artículo trata de las experiencias de acciones afirmativas vivenciadas en ambiente escolar. con el objetivo de reconstruir la autoestima de los negros y negras que estudia y que estudian en esa escuela. Así, se hace un estudio sobre la identidad negra en el ambiente escolar con la perspectiva de que los educandos (as) negros (as), al participar de actividades que los valoran, construyan o reconstruyan su identidad a partir de las diferencias étnicas raciales, cultural y social. De esta forma, los propios educandos buscaron redefinir sus propias identidades, lo que, de forma directa, viene construyendo una nueva realidad vivenciada por la población negra de la comunidad escolar.

Palabras clave: enseñanza, ambiente escolar, racismo.

**Introdução**

A escravidão no Brasil deixou marcas profundas que até hoje não conseguimos superá-las. Uma dessas marcas é o racismo, um tema que vem provocando grandes embates na sociedade brasileira. O preconceito racial está presente em nosso país através de uma herança que

constantemente negou e oprimiu a população negra. A sua presença pode ser vislumbrada de forma implícita (e, muitas vezes, de forma explícita) no cotidiano das cidades, na mídia impressa e televisiva, nos livros didáticos e também dentro das escolas. Nesses últimos espaços, o preconceito (latente ou manifesto) produz efeitos negativos para a formação escolar dos estudantes negros e também para a construção de suas identidades. O racismo faz com que eles cheguem ao ponto de negarem sua ancestralidade para se sentirem inseridos nos diversos grupos de idade que compõem um ambiente escolar.

Este tema nos parece bastante pertinente por percebermos o quanto é importante construir, dentro da escola, conceitos de valorização da identidade dos estudantes negros, fazendo com que eles sintam orgulho da sua cor – desconstruindo, dessa maneira, o sentimento de inferioridade presente nesse público. Mas isso só será possível se, principalmente, tivermos uma escola onde professores, gestores, coordenadores e todos que permeiam esse ambiente sejam capacitados para lidar com as questões de racismo dentro desse espaço.

No Brasil, os problemas étnico-raciais estão longe de serem resolvidos, e um dos lugares mais propícios para investigarmos e discutirmos essa questão é a escola. Nesse sentido o espaço escolar é um local onde encontramos diversas culturas, que geram conflitos identitários. Através de algumas ações pedagógicas de caráter afirmativo, apoiadas na Lei 10.639/03, que versa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, ressalta a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira. Os professores podem contribuir para a formação e na conscientização da comunidade escolar. Isso possibilitará que os educandos compreendam que a sociedade brasileira foi formada por uma **miscigenação**, uma mistura de povos de diferentes etnias. Junto a isso que a população negra teve e tem um papel muito importante na construção desse país; porém, mesmo assim continua sofrendo com a discriminação racial.

Diante desses fatos, podemos de forma objetiva com este trabalho discutir o tema da identidade étnico-racial no ambiente escolar, buscando fazer uma análise da importância da escola nessa discussão. Do ponto de vista metodológico, procedemos a análise de bibliografia relacionada com o tema o que foi muito importante para a elaboração desse estudo. Para Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente em livros, artigos, teses, dissertações etc. Seguimos esse roteiro, mas além da leitura desse repertório de fontes, também fizemos entrevistas com alguns

educandos, no intuito de compreendermos como a questão étnico-racial estava sendo abordada na escola e como ela contribuía na formação dos mesmos.

Nesse artigo utilizamos os estudos de Rocha (2007) e Caprini (2016) que discutem sobre a questão étnico-racial na educação, além de outros autores que, desde 2003, vêm desenvolvendo estudos sobre a temática e que nos auxiliaram, com suas reflexões metodológicas e teóricas, na produção dessa pesquisa. É o caso de Souza (2013) que discute sobre as relações raciais no cotidiano escolar, fazendo um diálogo com a Lei 10.639/2003 e de Rocha (2011) que vem investigando a educação das relações étnico-raciais analisando algumas práticas pedagógicas. Tais estudos contribuíram com suas reflexões na elaboração desse artigo.

Para a construção do artigo seguimos o seguinte roteiro: o brasilianista Skidmore afirma que o racismo foi uma construção ideológica que excluiu os negros da sociedade, sem direito a educação, moradia, ficando as margens da sociedade. Já os autores Sodré, Zeca, Appiah, Bauman, Jacques e Araújo, discutem em seus estudos a questão da identidade. Os Parâmetros Curriculares Nacionais devido à promulgação da Lei de nº 10.639/03 tornou obrigatório os estudos da história da África e afro-brasileira.

Em seguida trouxemos algumas reflexões sobre a questão étnico-racial e a permanência sistemática do racismo em nossa sociedade. Depois, discutimos a questão da identidade sociocultural no ambiente escolar, tendo como ponto de partida as relações interpessoais de estudantes da escola da rede pública de ensino localizadas na cidade do Recife. Estamos nos referindo à Escola Estadual Caio Pereira, localizada no Alto José Bonifácio, bairro de Casa Amarela, no município do Recife. Logo após, ressaltamos a importância das inovações acrescentadas aos Parâmetros Curriculares Nacionais devido à promulgação da Lei nº 10.639/03. E, por fim, nos debruçamos sobre as experiências vivenciadas por nós mesmos, autores desse artigo, enquanto docentes.

### **A construção da identidade**

A História do Brasil é marcada por uma desigualdade social que teve sua montagem estrutural-econômica durante mais de três séculos a partir da escravização dos negros africanos e afrodescendentes. Mesmo com toda opressão, essa população lutou de várias formas contra o sistema de dominação dos senhores escravocratas, que tinha como

fundamento a inferioridade das pessoas de pele negra. Mesmo com o fim da escravidão, em 1888, o negro foi constantemente colocado à margem da sociedade brasileira. Uma situação que perdura até os dias atuais – apesar da luta incansável dos movimentos sociais negros.

Durante o século XIX e início do século seguinte, as teorias de cunho racista surgidas na Europa e nos Estados Unidos da América foram fundamentais para que a população negra brasileira fosse vista como inferior. Como afirma Skidmore (1976, p.70), essas teorias “contribuíram para a exclusão do negro na sociedade, isso ficou bem evidente no argumento de grande parte da elite brasileira que queria embranquecer o país, pois os de pele escura não eram capazes de assumir os novos postos de empregos”.

O discurso racista produzido pelas elites também fincou raízes nas nossas escolas, sem o necessário enfrentamento dos professores – que, salvo as exceções, acabavam reproduzindo acriticamente o discurso das elites. Em relação à História e à cultura afro-brasileira, a literatura didática retratava o negro de forma subalterna, colocando-o sempre como o escravo e “esquecendo” de discutir a sua situação no período pós-abolição. Isso só foi mudando com a luta dos movimentos negros e a doção de leis que obrigaram o Brasil a implantar políticas de valorização e de igualdade racial para reparar as atrocidades que população negra viveu durante séculos.

Contudo, os movimentos negros demonstraram que a melhor forma de luta contra a discriminação racial era fortalecer suas relações identitárias com elementos comuns a todos descendentes africanos.

A identidade pode ser compreendida como uma estrutura sociocultural de determinados sujeitos (que, por sua vez, fazem parte de alguma comunidade) e tem como fundamento fortalecer as relações sociais existentes em um país ou nação. Com isso, a comunidade que mantém os seus elementos culturais consegue manter a sua identidade e utilizá-la como fator social dentro dos grupos nos quais o indivíduo se identifica. Como afirma Sodré (2015, p. 39):

O termo identidade tem sido usado como resposta ao longo dos tempos. A palavra vem de *idem* (versão latina do grego *tó autó*, “o mesmo”), que resulta no latim escolástico em *identitas*, isto é, a permanência do objeto, único e idêntico a si mesmo apesar das pressões de transformação interna e externa.

Identidade – ou conformidade, por semelhança ou igualdade, entre coisas diversas – é, assim, o caráter do que se diz “um”, embora seja “dois” ou “outro”, por forma e efeito. Identificação designa modernamente o processo constitutivo, por introjeção, de uma identidade estruturada. (SODRÉ, 2015, p. 39).

No debate sobre a construção da identidade, segundo Zeca (2010) há três grandes correntes ou escolas de pensamento: 1) Teoria Essencialista, 2) Teoria Instrumentalista e 3) Teoria

Construtivista. A teoria essencialista diz que a identidade é inerente à essência da pessoa humana. Ela é construída de uma forma vernácula e tradicional. Do ponto de vista de análise de conflitos, esta teoria é defendida pelo grupo de deterministas e pessimistas, que veem as diferenças como elementos propensos para a ocorrência de conflitos. Para Zeca (2010, p.8) a Teoria Instrumentalista, por sua vez, diz que as identidades são fontes de conflitos quando instrumentalizadas. Os conflitos identitários ocorrem com a influência de uma mão externa que funciona como elemento instigador. Já a Teoria Construtivista: defende que a identidade é algo que resulta da construção social. Por exemplo: os marginalizados e pobres são propensos a construir protótipos contra os líderes e detentores do poder. A construção da identidade está muito ligada a questão das necessidades, valores e interesses. Onde o mundo está em constante transformação que se dá através das relações conflituosas e de cooperações entre os protagonistas. Segundo o autor:

A Teoria Construtivista surgiu pela primeira vez nos estudos das Relações Internacionais em 1989, com a obra de Nicholas Onuf, intitulada *World of Our Making – Rules and Rule in Social Theory and International Relations*, bem como no artigo publicado em 1992 por Alexander Wendt, *Anarchy is What States Make Of It*. O objectivo em trazer os títulos dessas duas contribuições originais é destacar a premissa básica da teoria: vivemos num mundo em que construímos, no qual somos os protagonistas, nem que é produto das nossas escolhas. Mundo este que podemos mudar, transformar ainda que dentro de certos limites (Ipud ZECA, 2010)

No seu livro *“Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura”*, Appiah (1997) afirma que há um perigo quando se trata identidade relacionando-a à raça. Ele ainda afirma que raça forma conjuntos, mas também exclui, partindo para a hipótese das diferenças entre cada indivíduo. Ele apresenta uma concepção de que muitas construções dessa identidade são atuais e elas são formadas justamente para aceitação dos grupos. E outras tantas vezes essa identidade não corresponde ao esperado.

A construção da identidade de uma pessoa ou grupo surgiu a partir das relações sociais, que pode ser o resultado de uma herança cultural baseada nos costumes de uma determinada sociedade. No Brasil, “a comunidade negra” vem desenvolvendo atividades que possibilitam uma maior conscientização de valorização identitária. Segundo Sodré (2015, p.17): “A verdade, enquanto identidade do mesmo resulta da discriminação”.

A discriminação não é um fator primordial para a construção da identidade, mas ela foi fundamental no Brasil, por que vem possibilitando ao negro reconhecer o seu valor cultural e

social na luta contra o racismo institucional que foi instalado no país desde o século XIX, com as teorias racistas.

Através da valorização cultural e social do negro é possível que o mesmo busque em sua identidade a munição para a luta contra a opressão que lhe é imposta por meios institucionais. No seio de uma sociedade, onde são excluídos, determinados grupos buscam a sua inserção efetiva na mesma a partir da definição e do fortalecimento da sua identidade, valorizando, neste sentido, elementos que fazem parte da sua cultura, como a música, a dança, a religião entre outros.

Os elementos culturais são fundamentais para a representação da pessoa como membro de determinado grupo, que juntos buscam a valorização de sua comunidade. A identidade humana é constituída a partir da sua relação com o outro, que com os elementos culturais constituídos buscam distinguir-se uns dos outros.

Dizer identidade humana é designar um complexo relacionamento que liga o sujeito um quadro contínuo de referências, constituído pela interseção de sua história individual com a do grupo onde vive. Cada sujeito singular é parte de uma continuidade histórico-social, afetada pela integração num contexto global de carências (naturais, psicossociais) e de relações com os outros indivíduos, vivos e mortos. A identidade fundamenta-se na memória e no hábito. Graças ao “feixe de hábitos, preconceitos, talentos, conhecimentos consentâneos com o caráter lentamente variável”, o sujeito teria o sentimento de sua identidade. (SODRÉ, 2015, p. 39).

Para que o sujeito (negro, em particular) “descubra” e compreenda a sua identidade é preciso que o mesmo tenha como ponto de partida a sua referência histórica e social. Só dessa forma ele descortinará para si os elementos que compõem a sua vida. Diante disso, buscará se integrar aos grupos sociais com o quais ele se identifica – o que lhe permitirá uma maior resistência contra as carências naturais e psicossociais decorrentes dos preconceitos e discriminações impostas pela sociedade.

A identidade negra no Brasil é um processo em construção que vem sendo objeto de debates a partir da experiência e do convívio social. Durante muitos anos, o movimento negro vem desenvolvendo atividades de valorização da cultura negra, que foi subjugada por uma elite branca que via na população pessoas inferiores. Mesmo nessa situação os negros e negras desse país nunca deixaram de lutar por suas raízes culturais, elementos que possibilitam uma valorização sociocultural da pessoa humana. Como diz Bauman (2005, p.13): “A política de identidade, portanto, fala a linguagem dos que foram marginalizados”.

Essa afirmação de Bauman nos remete a uma luta constante na construção da identidade, já que a maioria da sociedade brasileira desde o fim da escravidão, em 1888, trata o negro como um inferior. Foi preciso muita luta dos movimentos negros, para que o governo federal criasse alguns mecanismos que reparassem um pouco a imensa dívida histórica do Brasil. E, por extensão, para uma reavaliação da importância do povo negro, com os seus elementos culturais e sociais, na construção material e simbólica do Brasil.

Para isso foram criadas duas leis: a 10.639/2003 e a 11.645/2008. Essas leis foram de crucial importância para a valorização da História e da cultura africana, afro-brasileira e indígena. Ainda que, de forma vagarosa, mas sistemática, vem contribuindo para a paulatina construção da identidade negra, principalmente no ambiente escolar – apesar de ser um espaço pedagógico por excelência, muitas vezes é o local onde encontramos comportamentos preconceituosos e racistas.

Neste sentido, as escolas públicas e privadas do Brasil devem desenvolver atividades que contribuam para a valorização do negro e do indígena. A construção da identidade negra só poderá ocorrer quando houver uma identificação dessas pessoas com os elementos socioculturais de matriz africana – aqui reelaborados à medida que conviveram com os elementos culturais e sociais de outros povos (portugueses, indígenas, principalmente). Como o Brasil é um país que constantemente recebe imigrantes de diversas partes do mundo, sendo uma parcela considerada vindos dos países vizinhos, como os venezuelanos que tem se refugiado no território brasileiro em busca de uma nova vida, e que aos poucos vão incorporando os seus costumes aos nossos, contribuindo com a diversidade de socioculturais que envolvem os diversos povos que aqui passaram a residir. O Brasil é considerado um país multicultural, é preciso fortalecer esses laços que envolve toda comunidade, e dos melhores espaços que possibilita o educando a conhecer outras culturas, é a escolar.

### **A escola e a construção da identidade**

Um dos espaços escolares aqui retratados é a Escola Estadual Caio Pereira, localizada no Alto José Bonifácio, bairro de Casa Amarela, Recife, Pernambuco. A comunidade da escola é formada por pessoas de classe média baixa, que durante muitos anos, vem sofrendo com o descaso dos órgãos públicos. Desde o ano de 2012, os professores vêm desenvolvendo atividades de valorização da História e da Cultura africana e afro-brasileira. Essa atividade



tem como objetivo o combate ao racismo e o preconceito e também a valorização do negro e do indígena.

As atividades desenvolvidas nessa unidade escolar passaram a ser mais efetivas a partir do ano de 2017. Neste ano, elaboramos o projeto da Semana da Consciência Negra, uma proposta pedagógica que visa promover o debate sobre a cultura afro-brasileira e indígena no ambiente escolar, durante todo o ano letivo, culminando com algumas atividades organizadas pelos educandos do ensino Médio – a semana da consciência negra.

onde abordamos temas voltados para a valorização da cultura negra. Essas consistem em valoriza a cultura afro-brasileira e africana. Com isso, vários educandos começaram a perceberem-se como negros. Como relata o educando R. F. M., do 1.º ano do Ensino Médio:

Nunca me senti negro, mesmo tendo a pele negra. Por que as pessoas de pele escuram sempre foram malvistas pela sociedade, pois negando a minha cor poderia sofrer menos. A discriminação no Brasil é muito grande. Por isso, que tinha medo de assumir a minha negritude. Hoje posso afirmar que sou negro, tive a oportunidade de aprender sobre a cultura negra através das minhas experiências como estudante da Escola Caio Pereira.

A escola, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, tem a obrigação de promover a valorização da pessoa humana, independentemente de sua cor, crença, condição social. Como o ambiente escolar deve propiciar atividades em que se desenvolva o senso crítico dos educandos que foi produzida a Semana da Consciência Negra. A proposta da Semana da Consciência Negra foi justamente a de levar o debate acerca das experiências da população negra para dentro do ambiente escolar, onde os próprios educandos apresentavam os seus trabalhos sobre racismo, a luta das mulheres negras, a luta pela liberdade, maracatus e resistência.

Esses temas sugeriram a partir de estudos prévios orientados pelo professor de História que, percebendo a dificuldade que a comunidade escolar apresentava em relação à cultura africana, buscou mostrar-lhe o valor sociocultural dos povos negros. A escola fica situada em uma comunidade periférica, onde a maioria da população tem algumas características fenotípicas negras, mas que, mesmo assim, não valoriza a cultura afro-brasileira. Isso ficava evidente em brincadeiras de cunho racista que eram frequentes dentro e fora do ambiente escolar. Esse tipo de situação nos deixava inquietos, então buscamos promover algumas ações afirmativas para tentarmos mudar essa situação. Promovendo debates, palestras, exposições relacionadas a temática étnico-racial. A Semana da Consciência Negra foi a culminância de diversas

atividades realizadas com o objetivo de combater o preconceito e o racismo no ambiente escolar.

Foi perceptível que, com a implantação de atividades que buscam a valorização dos negros e das negras, os educandos foram mudando o seu comportamento e, pouco a pouco, foram construindo uma nova identidade étnico-racial, realçando a sua ancestralidade. Isto fica claro nas palavras de T. M. S., educanda do Ensino Médio:

Nas escolas que estudei nunca vi atividades que valorizasse a pessoa negra. Na escola Caio Pereira venho me descobrindo como negra, por que os professores vêm fazendo um trabalho de valorização dos negros e das negras. Essa valorização só é possível quando há um comprometimento de toda escola, nesse ambiente a preocupação dos educadores é justamente a valorização da pessoa humana. Por isso que hoje me sinto bem à vontade para afirmar que sou negra e tenho muito orgulho da cor da minha pele.

A escola é o ambiente social onde o educando vai buscar o conhecimento para conviver na sociedade, respeitando as pessoas sem discriminá-las por causa de suas diferenças – sejam elas relacionadas à religiosidade, cor da pele, raça ou etnia, lugar de origem, sexualidade etc. Na Semana da Consciência Negra procuramos, sobretudo, ofertar conhecimentos para que os estudantes com traços fenotípicos negros pudessem, acima de tudo, se “descobrir” e se identificar como negros. Além de respeitar as diferenças, eles precisavam se respeitar a si mesmos, como pessoas negras.

Na preparação e efetivação da Semana da Consciência Negra, os atores principais foram os educandos, que desenvolveram os trabalhos sob a orientação do professor de História – que, por sua vez, buscou o apoio dos demais colegas. Dessa forma, conseguimos com que toda comunidade escolar participasse da construção desse projeto, que atualmente faz parte do calendário escolar. Mesmo assim, independente da Semana da Consciência Negra, a temática negra está sempre presente nas aulas de várias disciplinas que compõem o currículo escolar. Com isso, o educando vai se sentindo mais valorizado e construindo a sua própria identidade, deixando de lado certos estereótipos de cunho racista que foram construídos ao longo dos processos que marcaram a História do Brasil.

Ou como diria o filósofo Zygmunt Bauman (2005, p.45), deixando de lado, a “identidade de subclasse”:

O significado da “identidade da subclasse” é ausência de identidade, a abolição ou negação da individualidade, do “rostro” – esse objeto do dever ético e da preocupação moral. Você é excluído do espaço social em que as identidades são buscadas, escolhidas, construídas, avaliadas, confirmadas ou refutadas. (BAUMAN, 2005, p.45).

A população negra no Brasil sempre foi vista como pertencente a uma subclasse e teve, por muitos anos, a sua História e seus valores negados por um sistema racista que se estruturou desde o século XVI. Isso fica bem claro na citação acima quando a educanda T. M. S. afirma “que nunca se sentiu valorizada por ser negra”. Essa situação é comum em várias escolas estaduais e municipais, mas isso só mudará com a participação do professor como mediador do conhecimento, proporcionando ao estudante uma análise crítica da sociedade na qual vivemos. Não podemos mais aceitar tais posicionamentos de alguns grupos e pessoas que ainda sustentam (mesmo que inconscientemente) a tese da pretensa inferioridade do negro.

Por isso que a escola é tão importante nesse processo. Mesmo que os educandos tragam de casa os seus valores culturais, é na escola que ele vai desenvolver tantos outros valores. Até mesmo construir uma nova identidade ou acrescentar outros valores à sua identidade. Segundo a proposição teórica esboçada por Jacques:

Compreender a identidade implica necessariamente a articulação de dimensões que são aparentemente contraditórias, pois se encontram avessas ao pensamento formal com o qual estamos habituados, explicitadas pelas noções de individual/social, estabilidade/transformação, igualdade/diferença, unicidade/totalidade. E que isto também implica compreender a construção da identidade que teremos e a possibilidade de contextualizar e definir o rumo do ambiente em que vivemos (JACQUES, 2001, p. 139).

A identidade é um processo de uma construção social complexa, que compreende uma inter-relação entre indivíduo e sociedade, estruturada a partir de relações interpessoais, onde podemos encontrar fatores psicológicos e socioculturais que se articulam Jacques (2001, p.140). Por isso, a identidade é sempre um processo em construção, que leva o sujeito a interagir com as mudanças sociais. O papel social do sujeito é muito importante, pois é através dele que a identidade se torna multidimensional e sincrética, causando um caráter dinâmico e multicultural.

Por isso que o ambiente escolar é um local propício para debatermos sobre as questões que envolvem a sociedade. A construção da identidade é algo que vamos desenvolvendo no decorrer da vida, onde o cidadão através da sua vivência social aprende e adquire novos valores – que, de forma direta ou indireta, ajudará na sua formação sociocultural. É o que diz a estudante A. F. N.:

Mesmo sendo branca sempre achei a pele negra muito bonita, mas sempre que via os noticiários, as novelas e outros programas, percebia que o negro fazia sempre um papel inferior ao do branco e não compreendia o porquê disso. Foi quando em 2015

na Escola Caio Pereira, como estudante do 1.º ano do Ensino Médio tive a experiência de participar de alguns debates sobre a temática negra, ocorrido durante o ano e culminando com a Semana da Consciência Negra, foi quando comecei a compreender o porquê do negro ser visto como inferior ao branco. Hoje não aceito esse tipo de situação, se já admirava o negro por sua cor, agora o admiro por sua História de luta, resistência e cultura.

É visível o grande número de negros e de negras presentes nas escolas públicas, localizadas nas comunidades mais pobres e nas favelas do nosso país. Mas é certo que existem nas escolas uma pluralidade e diversidade de pessoas e matizes de cor de pele. Contudo, isso não evita a presença do racismo e do preconceito neste ambiente, que é fruto de passado escravista, que só chegou ao fim, do ponto de vista legal, com muita luta e resistência dos negros com a abolição da escravatura em 1888.

Crianças e adolescentes brancos e negros têm muito a ganhar com práticas pedagógicas (em diferentes campos disciplinares) que tomem como um dos seus eixos norteadores o ensino e a discussão qualificada das histórias e culturas afro-brasileiras. A fim de evitar posturas preconceituosas e racistas por parte dos alunos. O racismo é um problema endêmico em nosso país onde parte significativa da população morre em decorrência do racismo.

Quando a escola possui educadores que trabalham as questões étnico-raciais de forma consistente, contribuindo para elevar a autoestima do educando, fazendo com que eles conheçam os seus direitos e não aceitem as opressões impostas por uma sociedade racista, isso já é um passo considerável na luta contra o racismo. Mas, quando existem educadores e, sobretudo consciente, as questões de identidade inevitavelmente virão à tona, porque o empoderamento nos torna inquietos diante da injustiça de o negro ou negra serem tratados de maneira subalterna em relação ao branco.

Muitas vezes, esse tratamento diferenciado é dado pelos próprios professores que, mesmo sem perceberem, acabam internalizando conceitos racistas. Quando não tratam as temáticas em relação ao negro ou negra com seriedade como fazem com outras. Por exemplo a mitologia grega é bastante discutida e trabalhada nas aulas, mas mitologia africana nem se quer é vista.

Um fato triste decorrente dessas práticas “pedagógicas” nas escolas: os jovens negros e negras, muitas vezes, passam a se sentirem inferiores. Até então, no âmbito familiar, era tudo natural, mas, quando elas chegam à escola descobrem que possuem uma cor (a negra) e que essa cor é feia – bem como igualmente descobrem que seus cabelos são “duros”, “ruins”, “cabelo de pixaim”.

Outro fator importante é a mídia que pode contribuir tanto de forma positiva ou negativa para o preconceito e a alienação da população – e, particularmente, da população negra. Nas novelas, os papéis de submissão (como os de escravos ou de empregadas domésticas) são dados majoritariamente aos negros e às negras, cujos atores e atrizes acabam se tornando reféns desse tipo de personagem. E não tendo, muitas vezes, oportunidades de crescimento na carreira artística. Quando isso acontece, pode-se dizer que é um caso entre um milhão. Como afirma Araújo (2000, p.2), o crescimento dos atores e atrizes negros é feito de forma lenta e restrita:

A representação dos atores negros tem sofrido uma lenta mudança desde a década de 60, quando somente atuavam interpretando afro-brasileiros em situações de total subalternidade. Naquela década, a mulher negra era representada regularmente como escrava e empregada doméstica, encaixando-se na reedição de estereótipos comuns ao cinema e à televisão norte-americanos, como as *mammies*. O melhor exemplo foi o grande sucesso da atriz Isaura Bruno, quando interpretou a mamãe Dolores, na mais popular telenovela do período, *O direito de nascer*. Entretanto, cresceu nessa mesma época um estereótipo diferenciado de Hollywood, da mulata sedutora, destruidora de lares. Mas as empregadas domésticas predominaram. (ARAÚJO, 2000, p.2).

Os discursos que aparecem nos programas de televisão e os papéis reservados para negros e negras, principalmente nas novelas, podem influenciar e muito na negação da identidade negra de nossas crianças e adolescentes. Como assumir sua identidade negra se os protagonistas (e até mesmo os antagonistas) das novelas são brancos, de cabelo liso? E o que as escolas estão fazendo para mudar esse quadro? Esperar o 13 de maio ou o 20 de novembro para, somente nessas datas, pegar revistas e recortar fotos de pessoas negras para colá-las na parede da escola ou da sala de aula não significa trabalhar consciência e muito menos identidade negra. O debate rotineiro sobre as condições da população negra e o racismo que permeia as suas vivências deve ser realizado praticamente todos os dias. E, em alguns espaços escolares, já são perceptíveis certas mudanças, não só dos estudantes, mas das comunidades escolares como um todo, resultantes de uma prática pedagógica preocupada com a construção da identidade de estudantes negros e negras.

## Conclusão

No decorrer desse artigo, buscamos elencar as experiências vivenciadas como docente em uma escola de ensino médio Caio Pereira, da rede pública de ensino de Pernambuco. Através do desenvolvimento de ações afirmativas, demonstramos o quanto podemos mudar uma realidade a partir de atividades que promovam a valorização da pessoa humana. Neste caso específico, a partir das experiências vivenciadas pelos educandos negros da comunidade escolar, procuramos mostrar de forma positiva o quanto a população negra é importante para a cultura e para a História do Brasil. As experiências vivenciadas pela comunidade escola foram acontecendo sistematicamente, com palestras, estudos, debates, apresentação de trabalhos entre outros. Com essas atividades que vem ocorrendo desde 2017, que realizamos durante o ano todo culminando com a “Semana da Consciência Negra” pudemos perceber mudanças

significativas no cotidiano do ambiente escolar. Como; por exemplo, a frequente realização de atividades de combate ao preconceito e ao racismo feitas pelos próprios estudantes. Estas mudanças são, pois, o resultado do trabalho de docentes comprometidos com uma educação que promova o respeito entre as pessoas. E essa é uma prática que, se for replicada cada vez com maior intensidade, nos possibilitará a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Contudo, as atividades desenvolvidas no ambiente escolar tendo como foco o combate ao racismo e ao preconceito levaram muitos dos educandos a mudarem de atitude com a relação à sua negritude, o seu jeito de ser, de se vestir e entre outros. Essa experiência fortaleceu ainda mais os laços culturais da comunidade escolar levando-os a terem uma outra visão de mundo e dos elementos culturais que envolvem cada sociedade, não importando a sua origem e sim a pessoa humana. Portanto, as contribuições trazidas pelos estudantes e professores foi de fundamental importância na construção da alta afirmação dos educandos.

## Referências

- APPIAH, Kwarne Anthony. **Na Casa de Meu Pai: a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Edições Contraponto, 1997.
- ARAUJO, Joel Zito. **O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira**. Revista Estudos Feministas, 2008, v. 16, n. 3. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 24 de setembro de 2016, 18:00.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2005.
- CAPRINI, Aldieris Braz Amorim. **Educação e Diversidade Étnico-Racial**. São Paulo, Editora Paco Editorial, 2016.
- GIL, Carlos Antônio. **Como Elaborar um Projeto de Pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas S.A. 2002.
- JACQUES, M. da G. C. **Identidade**. In.: JACQUES, M. da G. C. [et al.]. *Psicologia social contemporânea*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- Brasil. Decreto-**lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)

- Brasil. Decreto-lei nº 11.645, de 10 março de 2008.  
[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm)
- **Parâmetros Curriculares de História do Ensino Fundamental e Médio do Estado de Pernambuco.** Pernambuco: UNDIME, 2010.
- **Parâmetro Curriculares Nacionais.** MEC/SEF, 1997.
- ROCHA, Luiz Carlos Paixão. **Políticas Afirmativas e Educação: A Lei 10639/03 no Contexto das Políticas Educacionais no Brasil Contemporâneo.** Disponível em [http://www.app.com.br/portalapp/uploads/coletivos/dissertacaoluiz\\_paixao.pdf](http://www.app.com.br/portalapp/uploads/coletivos/dissertacaoluiz_paixao.pdf). Acesso em 20 setembro de 2016, 18:00
- ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho Rocha. **Educação das Relações Étnico-Raciais: Pensando Referenciais Para a Organização da Prática Pedagógica.** Minas Gerais, Editora Maza Edições, 2011.
- SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros - Identidade, Povo e Mídia no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 2015.
- SOUZA, Maria Elena Viana. **Relações Raciais no Cotidiano Escolar: Dialogo com a Lei Nº 10.639/2003.** Rio de Janeiro, Editora Rovellet, 2013.
- SKIDMORE, Thomas E. **Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- ZECA, Emílio Jovando. **A construção da identidade africana e os líderes mais Representativos deste Processo.** Instituto Superior de Relações Internacionais. Maputo, Moçambique, 2010.